

## NEM SAMBA NEM RUMBA

Eneida Maria de Souza\*

**RESUMO:** A partir da figura e da atuação de Carmem Miranda como um símbolo datado do latino-americanismo, são abordados três diferentes momentos das relações culturais entre Estados Unidos e América Latina: a década de 40, o início dos anos 70 e a contemporaneidade, explorando-se tensões e articulações entre a produção intelectual e acadêmica, a experiência histórica da dependência econômica e a cultura de massa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Latino-americanismo, dependência cultural, autenticidade nacional, crítica cultural.

Durante o período da “Política da Boa Vizinhança”, programa instaurado pelo governo americano para tornar próximas as suas relações com a América Latina, uma artista é escolhida como símbolo do continente: Carmen Miranda. Entre 1939 e 1945, participou de vários filmes de sucesso de Hollywood, assumindo o papel de “representante da cultura musical-popular brasileira nos Estados Unidos”.<sup>1</sup> Os interesses políticos se sobrepunham aos culturais, transformando a artista no estereótipo da mulher latino-americana, que se expressava musicalmente no ritmo de samba, rumba e bolero. A construção estilizada de sua imagem guardava um pouco de cada lugar da América, o que dificulta vê-la, hoje como representante de uma “autêntica cultura brasileira”. Para que a referida política lograsse êxito, era estimulada a comunicação entre os dois continentes através do cinema e do rádio, veículos responsáveis pela divulgação de um ideal de modernização a ser difundido nos países situados ao sul do Equador. Na troca lingüís-

---

\* Doutora em Literatura Comparada, UFMG.

<sup>1</sup> TOTA, Antonio Pedro. **O imperialismo sedutor. A americanização do Brasil na época da segunda guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p.118. As informações sobre Carmen Miranda a serem utilizadas neste texto foram extraídas do livro acima mencionado.

tica e cultural, na mistura de samba, marchinha e rumba, exportava-se uma música de fácil aceitação e importavam-se americanismos de contraditória inserção na sociedade brasileira da época, cujas consequências seriam de difícil previsão. O cancionário popular refletia o clima de intercâmbio lingüístico, apontando a americanização dos costumes, que se manifestava na aquisição de *gadgets*, na linguagem sedutora inspirada pelas expressões inglesas referentes às noites passadas em *night-clubs* e cassinos.

Noel Rosa, em 1933, compõe a música “Não tem tradução”, com o objetivo de ironizar a presença de estrangeirismos no modo de vida do brasileiro:

O cinema falado  
É o grande culpado da transformação  
(...)  
Tudo aquilo  
Que o malandro pronuncia  
Com voz macia  
É brasileiro:  
Já passou do português...  
Amor lá no morro é amor pra chuchu  
E as rimas do samba não são I love you  
E esse negócio de alô/Alô boy, Alô Jone,  
Só pode ser conversa de telefone.

O distanciamento provocado, quer pelo inglês, quer pela conversa mediatizada pelo telefone, era sintoma da estilização cultural, da falsificação da “voz macia” do malandro pela língua enrolada do estrangeiro. A relação amorosa entre a cultura latino-americana e a do norte começa a tomar corpo, seja através da figura feminina representativa da América Latina, construída pelo imaginário do período – e que repetia clichês da colonização européia –, seja pela sedução armada pelo conquistador no diálogo com a glamourosa e *sexy* mulher tropical. Carmen Miranda ocupa o lugar simbólico desse diálogo, estampado pelos meios de comunicação de massa, e contribui para a alegorização do território, por meio da expressão de uma imagem lúdica e liberada da mulher.

Com a mediação do discurso musical e artístico, o Brasil se incorporava, no entender da política norte-americana, ao concerto da nação desenvolvida e cosmopolita, ao mesmo tempo que, antropofagicamente, o ritmo do pandeiro minava o *fox* e o *swing*, resultando no enriquecimento cultural de ambos continentes. Antonio Pedro Tota, em *O imperialismo sedutor*, assim entende o esforço de um país que se via impelido a participar da ordem política mundializada com o concurso da expressão musical:

O Brasil era reconhecido em Carmen no plano político e no plano da cultura de massa. A presença de um artista de sucesso, no sentido adorniano, legitimava nosso país, e esse, na letra do samba de um dos nossos grandes compositores, era o único jeito de a gente bronzeada ter seu valor reconhecido. (Tota, p. 173).

Carmen Miranda motiva ainda a imagem construída de América Latina pela indústria cinematográfica americana, ao ser considerada no seu caráter totalizador, como se o continente formasse um só bloco e se caracterizasse pela universalidade e unificação de suas regiões. Dentre os produtos de publicidade e de consumo criados pela sociedade americana, destaca-se uma boneca de papel, vendida como brinquedo de criança, cujo objetivo consistia em vestir o modelo com roupas de “todas as Américas”.<sup>2</sup> A boneca se molda em traje de praia, as roupas a serem coladas remetem a dois filmes, estrelados por Carmen Miranda, *That night in Rio* e *Down Argentine way*, ambos da década de 1940. A reprodução, em papel, da artista, e a prática lúdica de colar imagens ao modelo sugerem interpretações que se traduzem na fabricação de uma mulher-continente, para uso de mercado e na exploração *kitsch* da figura representativa do consumo de massa, esvaziando o sentido original do modelo. O gesto simbólico de vestir o *corpo de papel* de Carmen Miranda com indumentárias que denunciam mais semelhanças do que diferenças – turbante, colares, estilo de saia, balangan-

---

<sup>2</sup> TOTA, Antonio Pedro, 2000, fig. 35.

dãs, pulseiras –, embora visasse à multiplicidade, funciona como um perverso brinquedo infantil, conduzido à exaustão pelo jogo aleatório de vestir/desnudar a boneca. A montagem lúdica de um corpo exposto como traço natural da identidade revela, contudo, o avesso da proposta política – voltada para a unificação e a integração latino-americana –, ao desmascarar a exposição do corpo na sua pretensa naturalidade e reinseri-lo na condição de simulacro, cortado e desenhado à imagem de um continente em fragmentos. No jogo de armar, o significante permanece vazio, à espera de substituições que reforçam a simulação intermitente da presença e da ausência de sentido. Ainda que se reconheça a multiplicidade dessa cartografia, o importante, para o programa de controle político e econômico dos Estados Unidos da década de 40, é o de esquecer as peculiaridades regionais da América Latina, em favor da criação de identidades coletivas, expressas nos conceitos de hispano-americanismo ou de latino-americanismo. A penetração imperialista dos Estados Unidos substituiu-a, em parte, a hegemonia européia, a primeira intérprete e inventora do Novo Mundo.

O que se propõe, neste artigo, através da triangulação entre América Latina, Estados Unidos e Europa, é o entendimento de como se produz o imaginário da América Latina, ao serem recolocados os agentes em lugares estratégicos de redefinição das identidades. O esforço de abrir novas janelas para a compreensão do processo de ficcionalização das fábulas identitárias e de repensá-las segundo instrumentos teóricos condizentes com os interesses locais e globais requer posições mais decisivas e contundentes. Nos discursos contemporâneos dedicados aos discursos pós-colonialistas – e que se confundem, em muitos casos, com o discurso crítico latino-americano –, a exigência de o sujeito se posicionar como representante não só de um grupo mas ainda de determinada filiação teórica recebe de Walter

Mignolo a denominação de “locus de enunciação”.<sup>3</sup> A manifestação de subjetividades, no discurso crítico, atinge grande relevância para o debate pós-colonialista, por se tratar da conjunção entre teoria e prática, do desejo de expressão enunciativa com vistas à representação de lugares que se impõem na sua natureza intermediária e paradoxal.

Constroem-se espaços que se mesclam às virtualidades globais e às regionalidades enunciativas, atendendo não só ao apelo de instâncias subjetivas para a figuração dos discursos, mas ao desejo de desconstrução dos autoritários espaços de enunciação. Esses espaços, calcados na racionalidade imperial e impostos com o objetivo de apagar diferenças e de esquecer contradições, vêem-se ameaçados pelos discursos pós-colonialistas e pela diferente posição crítica frente à dependência cultural. Homi Bhabha, Spivak e Said, vozes estrangeiras que ecoam no universo europeu e norte-americano, e, no Brasil, dentre outros, Silviano Santiago, atuam como intérpretes da teoria desconstrutivista de Derrida e dos conceitos de genealogia e de arqueologia relidos por Foucault nos anos 60. Segundo esses parâmetros, o texto da tradição latino-americana, reconstruído pela cooperação de teóricos instalados nas universidades americanas, nas universidades européias ou na América Latina, destaca-se pelo reconhecimento da impossibilidade de se pensar a origem com base nos princípios fundadores. Tornam-se inoperantes os critérios ditados por esses discursos, tais como o de causalidade temporal e defasagem espaciotemporal, ao se tratar da recepção tardia da modernidade ocidental.

É ainda através da utilização da figura feminina como signo de latino-americanismo que se repete o estereótipo e a visão tradiciona-

---

<sup>3</sup> MIGNOLO, Walter. Introduction. *Poetics today. Loci of enunciation and imaginary constructions: the case of (Latin) America*. Duke, v. 15, n. 4, winter 1994. “In others words, the ‘postcolonial’ juncture evokes the notions of ‘imaginary construction’ and ‘locus of enunciation’. Moreover, inasmuch as it legitimizes and empowers ‘marginal’ theoretical practices (derived from marginal disciplinary and intellectual traditions), the term also underlines the ways in which loci of enunciation are imaginary constructions and imaginary constructions are loci of enunciation”. Idem, p. 508.

lista do latino-americano como “pureza originária”, criando uma cumplicidade entre o mito do “propriamente” feminino e do “propriamente” latino-americano. No entender de Nelly Richard, antigos pares de oposição são reproduzidos, o que os torna responsáveis pelo valor atribuído à identidade latino-americana inscrita no âmbito da irracionalidade, do instintivo, do natural e do autêntico, em contraposição à síntese racional da modernidade do Ocidente (Richard, 1996, p. 736). A essa posição se acrescenta o emprego, por vários teóricos, dessa rede de oposições, com vistas a desconstruir o caráter naturalista e pouco formalizado das proposições. A discussão sobre as diferenças entre norte e sul incide igualmente na questão teórica, levando-se em conta que a produção de teorias – vinculada ideologicamente a um pensamento abstrato e à racionalidade objetiva – teria lugar nos países mais desenvolvidos, localizando-se a prática dessas teorias nos países periféricos, dotados de irracionalidade e subordinados ao saber produzido nas metrópoles. A imagem utilizada recai no símbolo feminino que, associado ao discurso corporal e à sensibilidade, opõe-se ao discurso masculino, à racionalidade, concentrado na cabeça, na parte superior do corpo.

Sabemos que la cultura internacional opera según un esquema de “división global del trabajo” que le reserva el privilegio de la teoría a la academia metropolitana mientras la periferia latinoamericana descrita y analizada por esta teoría es vista como un simple campo de práctica habitado por quienes *viven la experiencia* mientras el latinoamericanismo del centro elabora su debida conceptualización. Dicho de otra manera, hay una división del trabajo que “pone a Latinoamérica en el lugar del cuerpo mientras el Norte es el lugar de la cabeza que la piensa”, razón pela cual “los intelectuales norteamericanos dialogan con otros intelectuales norteamericanos sobre América Latina, pero sin tomar en serio los aportes teóricos de los críticos latinoamericanos” para no tener que compartir con ellos el exclusivo privilegio de la conceptualización.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Richard, 1996, p. 738.

O debate atual em torno da questão latino-americana é distinto daquele exercido na década de 1940 ou de 1960 e 1970, quando se buscava uma saída para os problemas da dependência cultural, utilizando-se a polaridade América Latina/Metrópole, América Latina/Estados Unidos. A antropofagia, conceito oswaldiano utilizado como resposta à cultura européia dominante dos anos 20, encontra ressonância no pensamento contemporâneo, através de outros canais de diálogo. Matar e comer o inimigo não constituem mais o problema, e sim saber a identidade desse inimigo, uma vez que não mais se configura na sua transparência e nem a partir de um lugar estabelecido. A manifestação de uma alegria tropical e da aceitação, nem tão mal-humorada, da dependência forneceram a alguns teóricos brasileiros a ampliação do conceito de antropofagia para o de tropicalismo, dotado, contudo, de instrumental distinto daquele existente no Modernismo. A força da cultura de massa, elemento catalisador da circulação da moeda cultural e do rompimento de barreiras estéticas e elitistas, propiciou o salto para a pós-modernidade teórica nestes nem tão tristes trópicos. O entre-lugar do discurso latino-americano, conceito forjado por Silviano Santiago em 1971 quando, sintomaticamente, trabalhava nos Estados Unidos, filia-se à tendência tropicalista, dentro da tradição oswaldiana e modernista, sem se confundir com ela. Era preciso pensar a América Latina – embora segundo parâmetros mais universalizantes – sem o traço amargo da dependência vivenciada por intelectuais marxistas, como é o caso do conceito das “idéias fora do lugar”, de Roberto Schwarz.

Neste final de século, a pergunta dirigida aos estudos latino-americanos é de outra ordem, e vários fatores de discórdia contribuem para o acirramento da discussão. A maioria desconhece a importância de se refletir sobre os lugares enunciativos e de assinalar até que ponto o discurso crítico privilegia espaços institucionais e exclui outros. A primeira indagação diz respeito ao fato de estarem os intelectuais latino-americanos radicados na América do Norte, produzindo

saberes que respondem a interesses institucionais e de outra dimensão cultural, como atesta o texto de Nelly Richard, por desconhecerem o que se produz nos países de origem. Torna-se contundente a desconfiança em relação aos lugares regionais de enunciação, uma vez que esse discurso estaria reiterando modelos universalizantes e autoritários.

As questões a serem feitas são muitas e, dentre elas, escolho algumas: seriam as agendas do norte as mesmas do sul? Onde ficaria o aporte brasileiro às teorias, considerando o apagamento do discurso crítico brasileiro por teóricos hispano-americanos, podendo-se contar, entre os brasileiros, os pouco autores de ficção ou ensaístas traduzidos em inglês ou lidos em português? Traduzir é transportar, é reconhecer o outro que habita no mesmo, é criar o diálogo da diferença. Se os falantes de língua hispânica não entendem e não se interessam pelos textos escritos em português, como fica o intercâmbio entre países do mesmo continente? Estaria o hispano-americanismo transformando-se na nova hegemonia lingüística e cultural do momento? Ou haveria a necessidade de pensar teoricamente e de produzir saberes somente a partir dos países de origem?

Rebelar-se, contudo, contra teorias forjadas por críticos culturais instalados na América do Norte, por estarem elas deslocadas da nossa reflexão, representaria o reforço, em outro nível, do descompasso espacial e da defasagem temporal da fórmula de Roberto Schwarz, “as idéias fora do lugar”, cujo emissor era sempre identificado com a cultura européia. A reiteração de serem os saberes fixados em lugares bem definidos, sejam eles de natureza econômica, política ou cultural, contribui para a releitura do problema a partir de duas frentes: ou pelo abandono de posições politicamente caracterizadas como institucionais, as quais assumem uma contextualização exagerada do pensamento crítico, ou pela prática teórica mais flexível, inserida tanto no aspecto local dos saberes quanto no seu desdobramento mais globalizante. Ressalte-se, ainda, a condição fronteira de todo intelectual – embora, em alguns, esse traço seja mais forte –, o que confirma a



indeterminação dos saberes atuais, considerando-se que fazer crítica hoje implica permutar, transitar ou viajar por espaços incertos e muitas vezes efêmeros. O que se deve evitar, na definição ainda precária do perfil do intelectual latino-americano, é o crédito excessivo dado ao discurso nativista e autóctone como preso a um solo nacional, o que garantiria uma relação desinteressada e isenta da força do mercado e dos valores de troca cultural. Sabe-se que nem o conceito de nacional responde a uma definição unívoca e nem a literatura se presta a uma determinação estritamente nacional.

Vinicius de Moraes, através de uma definição bizarra de Carmen Miranda, ajuda-nos a refletir sobre a situação dessa indefinível América Latina, que não se pauta apenas pela dificuldade e diversidade dos discursos que a produzem, mas das terríveis e, ao mesmo tempo, saudáveis transformações pelas quais o mundo tem passado. Suspeitar das sínteses conciliadoras e do lugar fixo dos saberes é um alerta para se entender este nosso conturbado e esfuziante conflito de idéias. O corpo exótico da artista, desenhado pelo movimento que ultrapassa os sinais de uma identidade, e exibido na sua mais radical alteridade, condensa novamente a imagem de uma mulher libertária e profética com o traçado da América Latina. Pensar esse corpo anfíbio resulta, certamente, em comprovações mais do que inusitadas, que irão inscrevê-lo como desprovido de sinais identificatórios:

Carmen Miranda aparece como qualquer coisa de exótico, agreste, escarlate. Fala e faz mais trejeitos que um esquizofrênico sob um choque de cardiasol. Pensando bem, Carmen Miranda é um hindu, mais que uma brasileira. São turbantes coloridos, braços como serpentes, mãos como cabeças de najas. É tão prodigioso, que Carmen Miranda não consegue apenas ser o hindu – consegue ser o hindu e a serpente, coisa que em matéria de iogue é da mais alta importância.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Moraes, 1991. p. 86.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFBG, 2000.

MIGNOLO, Walter. Introduction. **Poetics today. Loci of enunciation and imaginary constructions: the case of (Latin) America**. Duke, v. 15, n. 4, winter 1994.

RICHARD, Nelly. Feminismo, experiencia y representación. **Revista Iberoamericana. Crítica cultural y teoría literaria latinoamericanas**. Pittsburgh, n. 176/177, jul/dec., p. 736, 1996.

SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

SCHWARZ, Roberto. As idéias fora do lugar. In SCHWARZ, R. *et al.* **Ao vencedor as batatas**. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

SCHWARZ, Roberto. Nacional por subtração. In: SCHWARZ, R. *et al.* **Tradição e contradição**. Rio de Janeiro: Zahar/FUNARTE, 1987.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **The post-colonial critic: interviews, strategies, dialogues**. New York/London: Routledge, 1990. (Edited by Sarah Harasym).

TOTA, Antonio Pedro. **O imperialismo sedutor. A americanização do Brasil na época da segunda guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.